



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8170 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

AUTOBIOGRAFIA E TEORIZAÇÃO DO CURRÍCULO: UM POSSÍVEL FAZER NAS POLÍTICAS PARA QUILOMBOLAS

Maria do Socorro dos Santos - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

AUTOBIOGRAFIA E TEORIZAÇÃO DO CURRÍCULO: UM POSSÍVEL FAZER NAS POLÍTICAS PARA QUILOMBOLAS

Pensar sobre o uso da teorização do currículo na relação com a autobiografia integra um debate educacional nas pesquisas do Brasil sobre ensino, aprendizagem e formação de professores. E ainda, tudo que podemos chamar de educação, considerando que há um processo sem fim de fazê-la, imaginá-la, propô-la, interpretá-la. São várias maneiras e sempre contingentes que se reverbera por diferentes concepções e na relação com o outro. A propósito disso, a concepção da qual parto nesse estudo é a pós-estrutural, e dialoga com os seguintes pensadores: J. Derrida, W. Pinar, J. Miller, E. Macedo, M. Foucault, A. Lopes, J. Butler, entre outros. Por meio dela é possível pensar “nas decisões políticas como contingentes e contribui para bloquear a possibilidade de um fundamento como *a razão correta e definitiva* para organizarmos o currículo de uma determinada maneira.” (LOPES, 2014, p. 48-49, grifo da autora). Seria assim, uma concepção de fundamento não fixos e um movimento em que seus significados são sempre modificados e sem significações definidas. De certa maneira, nela, tudo pode ser de outra forma, pode assumir outras dimensões na política, na teorização curricular, possibilitando assim, outros sentidos.

Neste jogo de significações esta dimensão teórica vem sendo operada desde o processo de Reconceptualização Curricular, nos Estados Unidos, final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Nas palavras de Miller (2014, p. 2045), um movimento que “*pensou a teorização como uma tarefa intelectual criativa ao invés de uma base para prescrições ou para um conjunto de princípios e relações testáveis e mensuráveis.*” (grifo da autora), e que rejeita a hegemonia do pensamento tyleriano. Como fenômeno intelectual, foi um expoente para os estudos da teoria curricular, apresentando deslocamentos para uma discussão de temáticas de gênero, raça, feminismo, classe, etc. Um campo plural que nesse processo de Reconceptualização trouxe “a definição do currículo como *currere* e a discussão metodológica de como utilizá-lo não apenas no fazer curricular, mas no próprio estudo do currículo.” (LOPES; MACEDO, 2016, p. 12, grifo das autoras). É o *currere* numa tradução de corrida ou o correr do curso, ou ainda ação de corrida que coloca a experiência do vivido e daquilo que não é planejado em foco do método autobiográfico (PINAR, 2016). Uma articulação que concebeu a dinâmica de

pensar formas de investigações autobiográficas com ênfases particulares “sobre o que nunca poderemos saber completamente” (MILLER, 2014, p. 2046), especialmente quando olhando para nosso eu, nossas vidas, nossas subjetividades. Um olhar que “o “eu” é um nós e o “nós” uma série de “eus”.” (PINAR, 2016, p. 21).

Sem oferecer uma intenção linear, o *currere*, como método autobiográfico expõe “estruturas temporais da subjetividade” (MACEDO, 2018, p. 163), e na concepção de Pinar (2016), convida a todos a fazer conversa complicada, sobretudo porque cada um de nós é diferente, e torna-se ainda mais complicada devido as nossas individualidades (PINAR, 2016). Para Macedo (2018), o método *Currere* marca uma situação onde os sujeitos estão a todo momento em processos autobiográficos, e “sua temporalidade própria, o experimentalismo, em seus limites modernos, mostra-se sensível ao “monstro que chega”, mesmo que, talvez, não saiba como acolhê-lo.” (MACEDO, 2018, p. 164, grifos da autora). No campo da teorização curricular, para Miller (2014), o método fornece uma riqueza de conhecimentos complexos sobre o “tudo” da teorização e sobre todas as relações que, sempre mutantes, constitui entendimentos variados de currículo e vivências pedagógicas, “mas também para constantemente interrogar nossas próprias suposições automáticas” (MILLER, 2014, p. 2049). Pensando nisso, é que lanço, nos meus estudos, a seguinte questão: como a autobiografia torna-se um campo possível de teorização curricular para as políticas quilombolas?

A complexidade da pergunta atravessa a ideia de que todos precisam se engajar no processo de interrogar a teorização curricular e as políticas curriculares, sobretudo as que nomeamos como políticas educacionais identitárias. Fazer isso não para mudar argumentos delas, mas interpretar o que elas vêm assumindo no campo do currículo. Isto porque elas nos dão, exemplos de que formas de teorização e de currículo, como aponta Miller (2014), não surgem em lugar nenhum. Esse nenhum, se relaciona a representações oficiais, programas de práticas pedagógicas e testes de controle de qualidade da educação. Por isso, os esforços da teorização curricular mesmo emergindo como espaço contingente, sempre em movimento, ou operando por uma vida de espaço-tempo de fronteira cultural (MACEDO, 2006), na política para quilombolas, não podem ser conhecidas sem a interconexão de processos imutáveis (MILLER, 2014). Isso denota olhar para os aspectos das experiências educacionais como mutantes, complicadas e de análises contínuas ao invés de ser apenas crenças e conhecimentos universais.

A propósito disso, a via de olhar para as políticas curriculares na relação com a autobiografia e a teorização curricular é justamente sair do conforto de ideias universais e deslocar-se ao indecível (MACEDO, 2018), uma aposta para sair da zona de fossilização, diria; e caminhar para um movimento onde “tudo intra-age como uma ética da alteridade, em que o respeito ao outro envolve um trabalho espectral, perturbando as expectativas por narrativas fundadas em desejos de continuidade, limites e semelhança.” (MILLER; MACEDO, 2018, p. 957). Um caminho que sob os aspectos das teorias pós-estruturais e de diálogos de pesquisadores como, Miller (2005; 2014), Macedo (2018), Pinar (2016), Miller e Macedo (2018), explora medos, fantasias, vergonhas, melancolismo, sentimentos que por mais que se tente mostrar o seu contrário, não pode opor-se da existência. Sucumbe assim, uma postura de que não se distancia de discursos sociais, políticos, culturais e históricos; e dos incognoscível do currículo, da teorização e políticas em quilombolas.

Este é um caminho de resposta a pergunta, mas longe de qualquer fechamento; apostando que o debate em torno dela é sempre um modo de que esforços autobiográficos de teorização de currículo podem permitir versões de nós e de políticas educacionais que resiste ao excesso daquilo que sempre aparece como fixo e universal; reconhecendo as incompletudes das políticas e das versões de nossos eus e vidas. Perturbações que esta

pesquisa carrega.

Palavras-chaves: Teorização Curricular. Autobiografia. Política. Quilombolas.

Referências

LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabeth. Apresentação. In: PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. Seleção, organização e revisão técnica: Alice Casimiro Lopes & Elizabeth, Macedo. São Paulo: Cortez, p. 7-18, 2016.

LOPES, A. C. Ainda é possível um currículo político? *In:* LOPES, A. C.; ALBA, A. (org.). **Diálogos curriculares entre Brasil e México**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 43-64, 2014.

MACEDO, Elizabeth. A teoria do currículo e o futuro mostro. In.: LOPES, Alice Casimiro; SISCAR, Marcos (Org.). **Pensando a Política com Derrida: responsabilidade, tradução e porvir**. São Paulo: Cortez, p.153-178, 2018.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.11, n. 32, p. 285- 372, 2006.

MILLER, Janet L.; MACEDO, Elizabeth. Políticas públicas de currículo: autobiografia e sujeito relacional. **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 948- 965, 2018a.

MILLER, Janet L. **Sounds of silence breaking: Women, autobiography, curriculum**. New York, NY: Peter Lang, 2005.

MILLER, Janet L. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **E-Curriculum**, v.12, n. 3, p. 2043-2063, 2014.

PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. Seleção, organização e revisão técnica: Alice Casimiro Lopes & Elizabeth, Macedo. São Paulo: Cortez, 2016.